

# ENSINO DE GEOGRAFIA E EDUCAÇÃO DE SURDOS: estudo de caso <sup>1</sup>

## GEOGRAPHY TEACHING AND DEAF EDUCATION: a case study

## GEOGRAPHY TEACHING Y DEAF EDUCATION: un caso de estudio

Gabriel Emanuel Leite de Lima <sup>i</sup>

Maria Daniely Freire Guerra <sup>ii</sup>

Emerson Ribeiro <sup>iii</sup>

**Resumo:** O objetivo da pesquisa consiste em analisar como as metodologias utilizadas pelos professores de Geografia da Escola de Ensino Fundamental Centro Educacional de Mauriti – CEM, podem contribuir para um melhor desenvolvimento do aluno Surdo diante do processo de ensino e aprendizagem dos conteúdos geográficos. O presente trabalho caracterizou-se por ser um estudo descritivo com uma abordagem qualitativa. Na pesquisa, inicialmente realizamos um levantamento bibliográfico destacando os seguintes temas: Geografia, ensino, metodologias e inclusão. Utilizamos algumas etapas para a análise como: entrevistas e observações. Concluímos que o espaço educacional precisa de mudanças que venham contribuir para um ambiente inclusivo que favoreça o desenvolvimento pleno dos alunos Surdos. Nesta perspectiva, torna-se necessário repensarmos o espaço escolar e as metodologias desenvolvidas pelos professores, valorizando desta forma, a língua natural dos Surdos e as suas experiências visuais.

**Abstract:** The aim of the research is to analyze how the methodologies used by geography teachers of the Mauriti Elementary School Educational Center - CEM, can contribute to a better development of deaf students in the teaching and learning of geographic contents. The present work was characterized by being a descriptive study with a qualitative approach. In the research, we initially conducted a bibliographic survey highlighting the following themes: Geography, teaching, methodologies and inclusion. We used some steps for the analysis such as: interviews and observations. We conclude that the educational space needs changes that will contribute to an inclusive environment that favors the full development of deaf students. In this perspective, it is necessary to rethink the school space and the methodologies developed by teachers, thus valuing the natural language of the Deaf and their visual experiences.

**Resumen:** El objetivo de la investigación es analizar cómo las metodologías utilizadas por los profesores de geografía del Centro Educativo de la Escuela Primaria Mauriti - CEM, pueden contribuir a un mejor desarrollo de los estudiantes sordos en la enseñanza y aprendizaje de contenidos geográficos. El presente trabajo se caracterizó por ser un estudio descriptivo con un enfoque cualitativo. En la investigación, inicialmente realizamos una encuesta bibliográfica destacando los siguientes temas: Geografía, enseñanza, metodologías e inclusión. Utilizamos algunos pasos para el análisis tales como: entrevistas y observaciones. Concluimos que el espacio educativo necesita cambios que contribuyan a un entorno inclusivo que favorezca el pleno desarrollo de los estudiantes sordos. En esta perspectiva, es necesario repensar el espacio escolar y las metodologías desarrolladas por los profesores, valorando así el lenguaje natural de los sordos y sus experiencias visuales.

**Palavras-chave:** Geografia; Ensino; Metodologias; Inclusão.

**Keywords:** Geography; Teaching; Methodologies; Inclusion.

**Palabras claves:** Geografía; Enseñanza; Metodologías; Inserción.

---

<sup>1</sup>Esta pesquisa é resultado do meu Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Regional do Cariri – URCA.

## INTRODUÇÃO

Quando nos referimos ao processo de inclusão, logo pensamos nas questões de acessibilidade e na qualidade da educação, bem como na necessidade de uma nova organização dos espaços educacionais, reelaborando o currículo, eliminando barreiras que dificultam/impedem a participação e aprendizagem de forma geral no ambiente escolar (ANDRADE, 2013).

Durante muito tempo manteve-se de maneira bem expressiva no Brasil, um pensamento sobre a Educação Especial fundamentada na “segregação”, esta seria a mais apropriada para o ensino de alunos com deficiência, de maneira especial aquela voltada aos Surdos. Contudo, os “estudos no campo da educação vêm modificando os conceitos, as legislações e as práticas pedagógicas, promovendo a reestruturação de todo o sistema educacional” (BEZERRA, 2014, p. 8).

Conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, nº. 9.394/96, que garante o processo de inclusão de alunos com necessidades especiais, estes por sua vez, devem ser matriculados, preferencialmente, em turmas de ensino regular, para assim dar-lhes a possibilidade de vivenciar uma educação inclusiva.

No entanto, embora o número de pessoas com deficiência auditiva e/ou de Surdos<sup>2</sup> no Brasil seja expressivo e as leis acerca de seus direitos sejam muitas, pode-se afirmar que poucas são as pessoas que conseguem ter um ensino de qualidade, pois a falta de preparo dos professores das escolas regulares e ainda de aparatos específicos têm inviabilizado um processo de ensino e aprendizagem satisfatório, de maneira particular no ensino de Geografia.

As questões que envolvem o mundo da escola são assuntos discutidos incessantemente durante nossa formação, enquanto licenciandos, na Universidade. Logo, existem aspectos dentro da formação acadêmica que não são colocados em evidência, e a educação inclusiva é uma delas. Freitas (2008, p. 2) ressalta que, “mesmo durante a prática de ensino, essa não é discutida. Dessa forma, quando um professor se depara com uma situação para qual não havia se preparado, caso das propostas inclusivas, vem à pergunta: qual estratégia utilizar?”.

A partir do Estágio Supervisionado II, realizado na Escola de Ensino Fundamental Centro Educacional de Mauriti – CEM, que propiciou o contato com o objeto desta pesquisa de conclusão de curso, permitindo ainda que nos deparássemos com alguns desafios na educação regular, principalmente no que se refere à inclusão de estudantes

---

<sup>2</sup>Optamos em utilizar o termo Surdo com letra maiúscula, por consideramos que estes pertencem a uma comunidade linguística e politicamente organizada.

deficientes, de modo particular os Surdos. Os mesmos nos despertaram o anseio de compreender a sua cultura, a sua história e seus processos de ensino e aprendizagem com ênfase nos conteúdos e aulas de Geografia. Esta pesquisa teve como locus a Escola de Ensino Fundamental Centro Educacional de Mauriti – CEM, localizada na Rua José Leite da Costa nº 629, Bairro Serrinha na cidade de Mauriti – CE, que possui de alunos Surdos matriculados.

A pesquisa constituiu-se em um estudo de caso tendo em vista, efetuar uma análise das práticas educativas desenvolvidas no ambiente escolar inclusivo, em especial na disciplina de Geografia. Nesta perspectiva o estudo descritivo auxiliou na compreensão e na busca de caminhos para a temática apresentada, caracterizando-se como estudo que procurou determinar opiniões ou projeções futuras nas respostas obtidas.

O estudo aqui descrito caracterizou-se por uma abordagem qualitativa que segundo Godoy (1995) *apud* Almeida (2011, p. 32), “tem como objetivo o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento fundamental”. Almeida (2011) ressalta ainda que, o enfoque indutivo na análise de dados dá maior relevância aos significados atribuídos pelas pessoas às coisas e à vida.

Desta forma, foi realizado inicialmente um levantamento do referencial teórico para agregar conhecimento sobre o assunto, constituindo como principais temas abordados: Geografia, ensino, metodologias e inclusão, caracterizados pelos seguintes autores: Almeida; Passini (2010); Andrade (2013); Bezerra (2014); Brito (2012); Caseti (2002); Dias (2013); Eugênio *et al* (2016); Fernandes (2016); Fonseca; Torres (2014); Freitas (2008); Gonçalves; Festa (2013); Guerra *et al* (2013); Kaercher (1998); Pena; Sampaio (2012); Santana (2015) e Veltrone; Mendes (2007) entre outros.

Logo, para compreender a temática aqui abordada, buscamos algumas etapas para a realização de uma análise de conteúdo. Para Almeida (2011), essas etapas passam pela definição do problema de pesquisa que leva a uma revisão da literatura que proporciona a orientação teórica de suporte ao estudo. Ao criar suposições que nortearão a análise da pesquisa, definimos os procedimentos de coleta de dados que neste trabalho foram: as observações e as entrevistas.

Nessa perspectiva, procuramos acompanhar os passos metodológicos do professor em sala de aula, de maneira particular no ensino dos conteúdos de Geografia, sendo que tanto as entrevistas como as observações, tiveram o intuito de compreender como as estratégias que são desenvolvidas pelos professores de Geografia podem contribuir para

um melhor desenvolvimento do aluno Surdo no ensino e aprendizagem dos conteúdos geográficos.

## **CULTURA E IDENTIDADE SURDA**

Ao longo da história a surdez foi vista como uma patologia que, se não tratada, ocasionaria outras deficiências, como também incapacidade. Neste momento, essa visão desviou os objetivos e práticas educacionais, à medida que a concepção clínica foi ganhando espaço com objetivo de corrigir a surdez. As estratégias desenvolvidas neste período tiveram como base o método oralista. Inúmeras foram às consequências desta concepção, como o comprometimento da natureza social, cultural, linguística e cognitiva do Surdo (ANDRADE, 2013).

A partir da incorporação dos estudos da língua de sinais, e conseqüentemente com o surgimento de um novo conceito socioantropológico ligados a Antropologia, a Psicologia e a Sociologia contribuíram para um novo sentido da surdez.

Skliar (1998) aponta que

[...] a surdez constitui uma diferença a ser politicamente reconhecida; a surdez é uma experiência visual; é uma identidade múltipla ou multifacetada, que está localizada dentro do discurso sobre deficiência. E há a possibilidade de estar sempre buscando e propondo, conhecer a apropriação das potencialidades do sujeito surdo, voltados para análise dos discursos acerca da surdez seja no contexto político, social e escolar inclusivistas, sem, entretanto esquivar da importância desse sujeito como agente de transformação, como um todo no meio social (SKLIAR, 1998 *apud* ANDRADE, 2013, p. 21).

No Brasil a Lei 10.436, de 24 de abril de 2002 e o decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005, reconhecem oficialmente a Língua Brasileira de Sinais, como a primeira língua dos Surdos, compreendendo que os mesmos interagem com o mundo a partir das suas experiências visuais. A sua estrutura gramatical é própria e são comparáveis em complexidade e expressividade a quaisquer línguas orais.

Skliar (1999) salienta

[...] que os contatos que os surdos estabelecem entre si proporcionam uma troca de representação da identidade surda. Através de um conjunto de significados, informações intelectuais, artísticas, éticas, estéticas, sociais, técnicas, etc. Esta autoprodução de significados parece ser o fundamento da identidade surda: uma estratégia para o nascimento cultural (SKLIAR, 1999 *apud* ANDRADE, 2013, p. 21).

As pessoas geralmente desconhecem os processos e os produtos da cultura surda. Para Sá (2006) “a cultura surda refere-se aos códigos próprios dos surdos, suas formas de

organização, de solidariedade, de linguagem, de juízo de valor, de arte etc.” (SÁ, 2006 *apud* GUERRA, *et al* 2013, p. 105). Outros termos também vão surgindo como “povo Surdo” e “comunidade Surda”, fazendo referencia a identidade Surda.

De fato, quando nos referimos a pessoas com surdez, indicamos que estão ligados por um código ético de formação visuo-espacial. Segundo Strobel “uma língua transborda de uma cultura, é um modo de organizar uma realidade de um grupo que discursa a mesma língua como elemento em comum, concluimos que a cultura surda e a língua de sinais seriam uma das referências do povo surdo” (STROBEL, 2008 *apud* ANDRADE, 2013, p. 22).

Outro termo que também é comum é o de comunidade Surda, que por sua vez, faz referência não só aos sujeitos Surdos, mas também, aos amigos, familiares, professores, intérpretes, ouvintes etc. que compartilham dos mesmos interesses ligados por traços comuns.

Nesta perspectiva Andrade (2013) destaca que

O professor de Geografia compreendendo a comunidade Surda em seu seio escolar pode possibilitar aos alunos uma apreensão crítica da realidade, percebendo as diferentes identidades, suas histórias, subjetividades, sua língua, valorização de suas formas de viver e se relacionar (ANDRADE, 2013, p. 23).

A Geografia pode contribuir para educação do Surdo de modo significativo, pois estuda a realidade, compreendendo a relação homem e natureza do ponto de vista da espacialidade, esta por sua vez pode despertar no aluno Surdo à visão de mundo, necessária para compreender tais relações. O Surdo ao utilizar o canal visuo-espacial, ou seja, a língua de sinais pode sensibilizar-se com “[...] os diferentes grupos sociais que formam nossa sociedade, almejando a boa sociedade e enxergando outros arranjos espaciais nos quais a exclusão e as injustiças sociais tenham menos vez e força” (KAERCHER, 2004, p. 56).

## **GEOGRAFIA E EDUCAÇÃO DE SURDOS: INCLUSÃO, ENSINO E METODOLOGIA**

A educação passou por diversas transformações ao longo da história, modificando assim, as formas de conceber e compreender a realidade. Atualmente, o mais novo paradigma educacional é a inclusão escolar, que defende a escola regular como espaço educacional de todos os alunos (VELTRONE; MENDES, 2007). Exigindo novos posicionamentos, bem como atualizações tanto na organização da escola em termos estruturais, como de ensino, estando este último atrelado ao aperfeiçoamento dos

professores que estão diretamente ligados ao processo de inclusão, desenvolvendo de tal modo, metodologias que contemplem as especificidades dos educandos.

Sobre esta perspectiva, o Centro de Estudos sobre a Educação Inclusiva, estabelece que:

[...] inclusão ou educação inclusiva não é um outro nome para a educação dos alunos com necessidades especiais. Inclusão envolve uma abordagem diferente para identificar e resolver dificuldades que emergem na escola [...] [a inclusão educacional] implica em um processo que aumente a participação de estudantes [nas atividades e vida escolar] e reduza sua exclusão da cultura, do currículo e das comunidades das escolas locais (CSEI, 2000 *apud* BEZERRA, 2014, p. 11).

Pena (2012) destaca que “a inclusão escolar parte do pressuposto do reconhecimento e valorização das diferenças dos sujeitos, oferecendo-lhes tratamentos diferenciados para garantir suas condições de acesso e permanência no âmbito escolar” (PENA, 2012, p. 48). Apesar desta concepção a inclusão não é concretizada na realidade, pois não é pensada e desenvolvida nessa perspectiva, não denotando desta forma, a importância da vinculação deste conceito com a educação especial.

Por sua vez, o aluno com deficiência é inserido em um espaço que busca homogeneizá-lo, não valorizando suas individualidades como também sua cultura linguística. Desta forma, a sociedade caracteriza-se por estabelecer alguns padrões de comportamento, sendo que aqueles que não se enquadram neste modelo tornam-se marginalizados, rejeitados e excluídos do seu convívio social.

Para Bezerra (2014)

Ao recorrer à história da humanidade percebemos que esse pensamento de exclusão ao diferente esteve presente em todas as sociedades, pois ao longo do tempo produziram uma visão padronizada e classificaram as pessoas de acordo com estereótipos pré-estabelecidos, elegendo padrões de normalidade e esquecendo-se de que a sociedade é formada e construída na diversidade (BEZERRA, 2014, p. 11).

A partir deste espectro de padronização as pessoas com necessidades especiais sofrem com a discriminação e exclusão social, pelo fato de possuírem limitações, sejam elas físicas intelectuais ou sensoriais. Assim também foi concebida a educação dos Surdos, que por muito tempo esta caracterizava-se meramente como “aquisição da oralidade”, vista como condição para inserção social e não direcionada à escolarização ou aquisição do conhecimento.

Brito (2012) enfatiza que

As dificuldades encontradas pelo surdo em se comunicar e fazer atividades que para o ouvinte se tornam triviais, fazem com que estas mesmas atividades se constituam como desafios. Considerando este aspecto desafiador do cotidiano do surdo, surgem abordagens não raramente relacionadas com interesses políticos, e propostas que promovam inadequadamente a inclusão, que se configura na prática como exclusão do mesmo (BRITO, 2012, p. 6).

A inclusão dos alunos Surdos na escola regular por sua vez, deve ser acompanhada obviamente por transformações em todo sistema educacional, destacando-se: adequações no currículo, alterações nas formas de ensino, metodologias e avaliações adequadas que correspondam com as necessidades do aluno Surdo.

Corroborando com ideia semelhante, Gonçalves e Festa (2014) consideram que a inclusão dos alunos Surdos na escola regular requer também:

[...] elaboração de trabalhos que promovam à interação em grupos na sala de aula e espaço físico adequado a circulação de todos. A presença do aluno Surdo em sala exige que o professor reconheça a necessidade da elaboração de novas estratégias e métodos de ensino que sejam adequados à forma de aprendizagem deste aluno Surdo, o aluno Surdo está na escola, então cabe aos professores criar condições para que este espaço promova transformações e avanços a fim de dar continuidade a um dos objetivos da escola, ser um espaço que promove a inclusão escolar (GONÇALVES E FESTA 2014, p. 2)

O ensino de Geografia nos permite distinguir a diversidade cultural existente no espaço geográfico. E a partir desta perspectiva buscar compreender este contexto, ou seja, as relações sociais, as diferentes línguas, as culturas e os processos históricos. Nesse sentido, é por meio da educação bilíngue especificamente, e do espaço vivido pelo aluno Surdo que é possível construir seus significados, suas relações sociais e sua cultura, permitindo de tal modo ao educando a compreensão do espaço geográfico.

Nessa perspectiva, o ensino de Geografia tem como objetivo formar cidadãos críticos e autônomos, que sejam capazes de compreender a produção e organização do espaço na qual estão diretamente envolvidos (FERNANDES, 2016). Desta forma, ao pensarmos em uma Geografia inclusiva é necessário desenvolver metodologias que efetivem de fato o processo de ensino e aprendizagem, possibilitando assim aos alunos Surdos uma compreensão melhor dos conteúdos geográficos.

As metodologias utilizadas e desenvolvidas pelos professores de Geografia de maneira particular na educação básica, devem contribuir para que tanto os alunos, quanto os professores “enriqueçam suas representações sociais, seus conhecimentos sobre as

dimensões da realidade social, natural e histórica, compreendendo melhor o mundo em seu processo” (ANDRADE, 2013, p. 27).

Fernandes (2016) considera que

[...] o ensino de geografia para alunos surdos, deve valorizar a construção do conhecimento a partir de interações entre professor – conteúdo – aluno, valorizando o conhecimento prévio que o aluno trás consigo, sobretudo aquele relacionado a seu espaço de vivência, capacitando-o para ir além do senso comum, promovendo efetivamente a construção e aquisição do conhecimento (FERNANDES, 2016, p. 108).

Neste sentido, é necessário um ensino de Geografia significativo que relacione o espaço natural com o espaço social, aonde os discentes possam ler e compreender o mundo de maneira que saibam se situar e se posicionar, diante das desigualdades sociais e espaciais. Como destaca Callai (2012) “[...] analisar a sociedade e o mundo a partir da espacialidade dos fenômenos [...] e [...] trabalhar essa realidade de modo que o aluno se entenda como sujeito que está dentro dessa realidade [...]” (CALLAI, 2012 *apud* FERNANDES, 2016, p. 108).

Nesta perspectiva, o conhecimento geográfico deve partir de uma construção ativa do sujeito em interação com sua realidade. Assim, “[...] pensar o ensino da Geografia pressupõe que o educando se alfabetize geograficamente, para que este possa realizar suas leituras sobre o mundo e interaja de maneira crítica” (ANDRADE, 2013, p. 28).

As metodologias utilizadas pelo professor de Geografia no ensino dos alunos Surdos devem ser desenvolvidas mediante uma reflexão do processo de ensino e aprendizagem. Construindo o conhecimento de forma conjunta, “[...] mediado pelo professor, no qual estarão envolvidos, de forma interdependente, os objetivos, os conteúdos e as formas organizativas do ensino” (ANDRADE, 2013, p. 28).

Neste processo, o aluno Surdo precisa sentir-se incorporado nas atividades propostas, proporcionando uma aprendizagem significativa valorizando suas referências, tendo como ponto de partida o seu próprio espaço sociocultural. Segundo Skliar (1997):

[...] se os surdos forem excluídos de aprendizagens significativas, obrigados a uma prática de atividades sensório-motoras, mas não de conteúdos de abstração, se forem impedidos de utilizar a língua de sinais em todos os contextos de sua vida, então nada tem que ver os surdos nem a língua de sinais com as supostas limitações no uso dessa língua, na aquisição de conhecimento e no desenvolvimento de seu pensamento (SKLIAR, 1997 *apud* ANDRADE, 2013, p. 30).

O ensino de Geografia permite ao aluno Surdo compreender e problematizar a realidade na qual se encontra, e a partir desta vê-se também como produtor e modelador

do espaço, não se limitando apenas ao próprio conhecimento dessa realidade, mas sim problematizar para modificá-la, ou seja, compreender e desenvolver a capacidade sobre o espaço geográfico.

Fonseca e Torres (2014) ressaltam que,

A Geografia, por sua própria lógica de conhecimento, caracteriza-se pelas relações entre fenômenos físicos e humanos, ou entre a sociedade e a natureza, também presta sua contribuição na escola para a realização da interdisciplinaridade, confirmando sua exclusividade, ou seja, que ela própria se forma a partir de grande variedade de temas, conservando sempre o espaço geográfico como eixo principal (FONSECA E TORRES, 2014, p. 10).

É importante que em salas de aulas frequentadas por alunos Surdos e ouvintes haja metodologias que proporcionem a aprendizagem de ambos os grupos. Caseti (2002) afirma que “[...] cabe à Geografia a função de preparar o aluno para uma leitura da produção social do espaço, repleto de contradições, ou o desvendamento da realidade, negando a ‘naturalidade’ dos fenômenos que imprimem certa passividade aos indivíduos” (CASSETI, 2002, p. 152).

Ao pensar em metodologias para o ensino dos conteúdos de Geografia, o professor deve valorizar o sistema linguístico visual-motor do aluno Surdo, ou seja, evidenciar as experiências visuais dos mesmos. Andrade (2013, p. 71) destaca que “nas aulas de Geografia o uso de imagens é de suma importância na compreensão do espaço geográfico, para perceber as diferentes paisagens e as relações do homem com a natureza”.

O uso de mapas, maquetes, fotografias, filmes adaptados, jogos, etc. são recursos primordiais para o ensino dos conteúdos de Geografia, estes por sua vez auxiliam na compreensão de conceitos abstratos promovendo tanto aos alunos Surdos quanto aos ouvintes a compreensão do espaço geográfico. O professor deve desenvolver estratégias que valorizem o contexto de vida dos alunos, suas especificidades como também suas diferenças linguísticas, que neste caso em especial é a maior barreira presente no ambiente escolar.

## **CAMINHOS DA PESQUISA**

### **Entrevistas com os sujeitos da pesquisa**

Tendo como base o aporte teórico e as observações, foram realizadas as entrevistas com os sujeitos desta pesquisa: duas professoras de Geografia, uma Intérprete e um aluno Surdo. Porém as duas professoras de Geografia não permitiram as gravações, sendo necessário anotar as respostas de maneira escrita.

As entrevistas foram realizadas individualmente, com as professoras de Geografia e a intérprete, já para realização da entrevista com o aluno Surdo do 7º ano (turma C), foi necessário o auxílio da intérprete. Para garantir a preservação da identidade dos participantes optou-se em designá-los por uma letra e número: as professoras de Geografia do 6º e 7º anos (P<sup>1</sup> e P<sup>2</sup>), o intérprete (I<sup>1</sup>) e o aluno Surdo (S<sup>1</sup>).

O aluno S<sup>1</sup> tem 12 anos, e está no 7º ano do Ensino Fundamental II (turma C), gosta de estar na escola apesar de algumas dificuldades, principalmente em relação à comunicação, ele relata que conversa com os colegas com ajuda do intérprete, mas deixa claro que se sente mais confortável conversando com os Surdos. Quando perguntado se gosta da disciplina de Geografia ele disse que não gosta, e acha muito difícil; perguntamos o que ele mais gosta na disciplina e ele respondeu que os conteúdos que trazem paisagem, água e flores.

A P<sup>1</sup> é Graduada em Geografia e considera que os alunos Surdos estão chegando, e que os professores ainda não estão preparados para atender adequadamente essa demanda. Ela ressalta ainda que a metodologia utilizada nas aulas de Geografia não é diferenciada, a professora destaca que procura sempre utilizar imagens nas aulas, bem como posicionar-se da melhor forma no momento das exposições dos conteúdos.

Perguntamos para a professora sobre como ela se sente e se situa diante do processo de inclusão, e obtivemos a resposta de que particularmente se sente apenas inserida no processo, mas ainda falta muito para de fato aprender a trabalhar com esses alunos de forma adequada. A mesma relata que não possui curso de formação voltado para Libras ou na educação inclusiva, e ressalta ainda que o município não oferece formação continuada nessa área.

Já P<sup>2</sup> leciona para as turmas de ensino regular com alunos Surdos desde 2012, utiliza livro didático, e complementa as aulas com imagens, mapas e fotos. Ela relata que é um desafio trabalhar com este público, pois não conhece a língua de sinais e ao planejar as aulas é preciso pensar em estratégias de ensino que contribua para a aprendizagem destes alunos.

A I<sup>1</sup> trabalha com este público desde 2005, e percebemos que os alunos Surdos possuem uma relação muito afetuosa com ela. Em sua prática busca sempre que pode, sanar as dúvidas dos alunos acompanhando-os em suas trajetórias na escola, construindo também um elo com a família. A I<sup>1</sup> ressalta ainda, que os professores deveriam utilizar mais em suas aulas recursos visuais para facilitar a compreensão dos alunos Surdos.

As entrevistas como também as observações tiveram como objetivo analisar as metodologias que são desenvolvidas pelas professoras de Geografia, destacando como estas contribuem tanto para o ensino e aprendizagem dos conteúdos geográficos, quanto para o processo de inclusão.

### **Observações em sala de aula**

As observações ocorreram nas turmas de 6º e 7º anos onde haviam alunos surdos inseridos. Observamos a seis aulas de Geografia, sendo estas distribuídas em: duas aulas no 6º ano (turma C), duas aulas no 7º ano (turmas C) e duas aulas no 7º ano (turmas E). Destacam-se durante as aulas de Geografia as estratégias desenvolvidas pelas professoras, como também o comportamento dos alunos, a socialização com os colegas, a relação do intérprete com o aluno Surdo.

Também foi observado à didática e os procedimentos que são utilizadas pelas professoras de Geografia, como também a organização para realização de determinadas práticas que podem promover a inclusão, bem como os materiais usados nestas atividades.

Ficou evidente a partir das observações que são inúmeras as dificuldades para que de fato tenha um ambiente inclusivo, destacamos: salas lotadas, infraestrutura que deixa a desejar, falta de recursos didáticos e principalmente falta de formação continuada dos profissionais que estão diretamente envolvidos com os alunos Surdos. A mediação do conhecimento para os alunos Surdos é promovida através dos intérpretes, estes assumem a responsabilidade “pela tradução da Língua Brasileira de Sinais para língua portuguesa ou vice-versa” (ANDRADE, 2013, p. 51).

Relata o intérprete

*Muito importante! Nós somos a voz deles. Pra eles terem a noção de tudo que está se passando na sala, precisa do intérprete, por isso que o intérprete é importante na vida do Surdo. Porque não adianta eu ter um aluno Surdo em sala se o professor não sabe Libras. Aí como ele vai se comunicar? Aí como ele vai aprender o conteúdo que está sendo explicado em sala? Então é muito importante ter o intérprete em sala. Outra coisa, a gente passa o conteúdo pra eles aprenderem, mas, tem o retorno do Surdo pra gente o intérprete. Porque a opinião dele é muito importante também! Por que eu não posso brincar de interpretar, eu não posso passar para o Surdo, uma interpretação errada né?! Eu tenbo que estar me aprimorando todos os dias, eu tenbo que estar ali aprendendo para que eu não o prejudique no futuro! Eu não posso, por exemplo, passar o sinal de trabalho errado, por que depois ele vai dizer a intérprete ensinou assim, sendo de outra forma. (I<sup>1</sup>).*

Nesta perspectiva o intérprete torna-se um sujeito importante para o processo de ensino e aprendizagem dos alunos Surdos, porém assumindo muitas vezes o papel do professor, delegando a tarefa de ensinar os conteúdos aos alunos Surdos.

As professoras ao desconhecerem a Língua Brasileira de Sinais, acabam ignorando os Surdos, revelando-nos que uma das grandes ou talvez maior barreira para a inclusão do Surdo no ambiente escolar refere-se à língua, que impede aos mesmos de se comunicarem de forma efetiva. Quando perguntamos ao aluno S<sup>1</sup> se ele tinha alguma dificuldade em comunicar-se, ele respondeu: “*Sim. A comunicação é difícil com os colegas em sala*”.

Durante os intervalos das aulas os alunos costumam brincar com os seus pares, os Surdos por sua vez em alguns momentos brincam com os colegas ouvintes, mas na grande maioria das vezes estes interagem apenas com os intérpretes. Este fato evidencia que há uma barreira linguística que impede a comunicação entre os Surdos e os ouvintes, bem como as próprias trocas de conhecimentos entre eles.

Outro fato observado foi o ritmo das aulas que são muito rápidas, não havendo pausas suficientes para que o aluno Surdo pergunte. Potencializado pela própria dinâmica da sala que se encontra lotada e muito agitada tirando a atenção da própria professora, que tenta de todas as formas organizá-la. Desta forma, os alunos Surdos acabam formando uma espécie de “[...] ‘ilhas’, ou seja, os alunos surdos agrupam-se juntamente com o intérprete e desenvolvem as atividades solicitadas pelo professor titular” (ANDRADE, 2013, p. 53).

Notamos que as professoras não utilizam com tanta frequência mapas, imagens ou qualquer outro recurso visual para ensinar os conteúdos de Geografia, utilizando apenas aqueles presentes no livro didático, como fica evidente na fala da P<sup>1</sup> “*Tenho utilizado apenas o livro didático, e mapas e aulas práticas*”. Os alunos mostram-se entusiasmados quando a professora utiliza mapas, imagens e faz aulas práticas; como comenta o aluno S<sup>1</sup> “*Gosto, gosto! mapas e imagens é melhor, eu consigo entender*” (Entrevista 11/05/2018). Logo, o uso de recursos visuais é fundamental na “disciplina de Geografia, pois estas retratam várias situações em diferentes momentos que ocorrem no espaço geográfico” (ANDRADE, 2013, p. 62).

Durante as observações as professoras realizaram algumas atividades, dentre quais: uma aula de campo realizada pela P<sup>1</sup> com a turma do 6<sup>o</sup> ano, nas ruas próximas da escola indo em direção ao centro da cidade, o objetivo da aula era que os alunos percebessem as transformações que o homem faz no espaço. Os alunos deveriam listar os principais elementos que fossem observando durante o percurso para posteriormente discutirem em sala de aula. No momento da discussão os discentes falaram um pouco do que perceberam no percurso, mas tiveram algumas dificuldades em entender como em um curto percurso a paisagem vai se modificando mesmo sendo um espaço urbano.

A P<sup>2</sup> da turma do 7<sup>o</sup> ano solicitou aos alunos que estudassem dois capítulos do livro didático para uma arguição, este trabalho funcionou da seguinte forma: a professora elaborou algumas questões sobre o conteúdo, estas seriam sorteadas e respondidas pelos alunos, os mesmos respondendo corretamente iam acumulando pontos fixados pela professora. O aluno Surdo e os ouvintes tiveram muitas dificuldades para responder as questões sorteadas, pois ficaram com muitas dúvidas sobre o conteúdo.

Em suas aulas as professoras utilizam métodos expositivos e dialogados, utilizando o livro didático como ferramenta principal. Os alunos Surdos vão acompanhando a explicação da professora com o apoio da intérprete ora no livro, ora escrevendo o conteúdo que está no quadro. Como mencionado anteriormente poucas vezes foram utilizados recursos visuais nas aulas de Geografia.

Um ponto importante a ser destacado é a dificuldade do intérprete em sinalizar alguns conceitos da Geografia para os alunos Surdos, a velocidade como é ministrada as aulas também influenciam no entendimento. Para a intérprete

*[...] a compreensão é fácil, a dificuldade é pro Surdo, porque ele não teve esse direcionamento, essa aprendizagem antes né?! Aí quando chega na sala é tudo novo, aí você vai ter que passar com calma o que dizer em cada palavra cada sinalização pra que ele compreenda. Porque assim, hoje dizem: a porque não tem dificuldade, o intérprete sempre tem dificuldade por que às vezes tudo é novo diferenciado, muitas palavras não têm sinais, aí a gente tem que pesquisar e entender e compreender o porquê, pra poder passar pra ele. Quando a palavra não tem sinal você vai compreender o significado da palavra aí o professor diz e você passa. (I<sup>1</sup>).*

Evidenciamos também, que as vivências dos alunos tanto Surdos como ouvintes foram poucas vezes exploradas pelas professoras. Segundo Almeida e Passini (2010) os alunos ao representar o espaço do seu cotidiano, poderiam criar suas noções espaciais, percebendo desta forma o seu espaço de ação antes de representá-lo.

Logo, as propostas de atividades deveriam trazer a perspectiva do aluno Surdo, possibilitando o conhecimento geográfico a partir da sua própria realidade. Desta forma, abre-se espaço para a sua participação possibilitando um melhor entendimento dos conteúdos de Geografia.

Fica evidente, que um dos maiores desafios no ensino de Geografia como também para a efetivação do processo de inclusão, “é perceber as necessidades do aluno Surdo e envolvê-lo com a intenção de desenvolver as competências e habilidades, para a compreensão dos conhecimentos geográficos, interligando a teoria à prática. Entendo que a atual proposta ainda necessita de estruturação para de fato significar a inclusão do aluno surdo” (BRITO, 2012, p. 17).

### **Os professores e alunos no ensino: aprendizagem dos conteúdos geográficos**

A educação inclusiva caracteriza-se não só por um conjunto de práticas, mas pelo seu compromisso frente às especificidades dos alunos. Desta forma, os professores são agentes importantíssimos para o processo de inclusão na rede regular de ensino. É nítido que o processo de inclusão encontra muitos obstáculos que impedem a sua concretização, dentre elas a formação continuada dos profissionais que estão diretamente envolvidos com o processo.

Assim, é possível observar que o desenvolvimento de metodologias que auxiliem os estudantes em especial os Surdos no seu processo de ensino e aprendizagem qualitativo, deve partir do entendimento da realidade de seus alunos, de suas qualidades e de suas dificuldades.

Promovendo atividades que possibilitem aos alunos Surdos a oportunidade de expressar suas ideias. Nessa perspectiva, a Geografia deve proporcionar aos alunos Surdos uma integração e uma aproximação com a realidade, fornecendo-lhes uma visão mais completa do espaço, da sociedade, da cultura e das relações sociais (SANTANA, 2015).

Logo, faz-se necessário que o professor desenvolva estratégias de ensino que contemplem a todos e não somente aos alunos ouvintes. Sabemos que a linguagem dos Surdos é baseada principalmente no visual e gestual, portanto, as ferramentas a serem utilizadas não podem fugir disso. Desta forma, os recursos visuais se tornam uma boa estratégia para que o professor possa ensinar os conteúdos de Geografia.

Para Eugênio *et al* (2016)

A utilização dos recursos visuais na disciplina de Geografia não deve ser de forma alguma considerada exclusiva para os alunos surdos, muito pelo contrário, é uma ferramenta necessária para que todos os alunos compreendam os conhecimentos da melhor maneira possível. Dessa forma, não está se falando em uma aula de Geografia voltada para surdos, mas sim, de uma aula adaptada para que todos os alunos, tanto surdos quanto ouvintes, compreendam juntos os mesmos conhecimentos, o que corrobora com o nosso ideário de uma escola mais inclusiva (EUGÊNIO *et al*, 2016, p. 4-5).

Nesta perspectiva, com base no referencial teórico, nas observações e entrevistas, propomos, uma aula na turma onde se encontra o aluno S<sup>1</sup>, com o qual foi realizada a entrevista. Utilizando estratégias que contemplassem tanto o Surdo valorizando a língua visuo-motora, como os ouvintes proporcionando um espaço inclusivo.

Conversamos com a professora sobre os conteúdos que estavam sendo ministrados neste período. Foi escolhido como conteúdo para ser trabalhado com os alunos as

atividades do campo brasileiro. O objetivo foi possibilitar aos educandos conhecer as principais atividades econômicas ligadas ao campo, bem como sua importância para o desenvolvimento econômico do Brasil, destacando o nível de desenvolvimento tecnológico e a importância de tais atividades no lugar onde vive.

Levamos para sala de aula imagens (fotografias, desenhos, pinturas, etc.) de diferentes paisagens rurais (áreas de plantação e de criação, modernas e tradicionais, áreas de matas, rios, entre outras) para que os alunos tivessem contato com aspectos das paisagens que estavam sendo estudadas (figura 1). E aqueles que já tinham contato com o meio rural, poderiam falar das suas experiências, ressaltando as principais atividades do campo na sua localidade, como também evidenciando as mudanças que estejam ocorrendo nestes lugares. Colocando em evidência os aspectos visuais valorizando a língua visuo-motora proporcionando um espaço inclusivo, onde todos podiam colocar suas opiniões e vivências.

Figura 1: Aula com a turma do 7º ano C - atividades do campo brasileiro



Fonte: autor, 2018.

Importante salientar que para o processo de ensino e aprendizagem, apresentar imagens, pinturas, etc., entre outros recursos para o aluno Surdo, como a paisagem, o tempo, o lugar, que nos remete a pensar sobre a cultura, mas também, sobre os signos que o cotidiano nos apresenta, esses recursos nos leva a ensinar e ensinar aos outros a entender o próximo, o estranho, estranho ao nosso conhecimento, aos nossos sentidos. (RIBEIRO, 2016)

Os elementos que compõem a paisagem traduzem o tempo e sua produção, a percepção da paisagem pela geografia nos mostra, por diversas vezes, um mundo imperceptível aos olhos do observador, portanto, segundo Carlos (2006)

A paisagem geográfica revela os antagonismos e as contradições inerentes ao processo de produção do espaço num determinado momento histórico. E a inter-relação entre os fatores físicos e sociais será a expressão material da unidade contraditória de relações entre a sociedade e a natureza, seja esta natural ou transformada. Essa unidade é definida por determinações específicas do lugar, do jogo de poder social local entre as forças políticas que aí se defrontam (CARLOS, 2006. p.84).

A paisagem como momento histórico, como momento de uma dada produção tem relações com as políticas públicas engendradas e materializadas na escola, para que os alunos passe a compreender a importância da paisagem pelo processo de produção, também, leva a pensar sobre as lutas de classes existentes nesse processo, essa da dimensão escolar, da educação pública (RIBEIRO,2016, p.19)

Essas reflexões devem ser tratadas pelo professor em sala de aula, para todos, inclusive e incluindo os alunos Surdos, assim como para o intérprete, para que realize a compreensão sobre o processo de ensino e as políticas públicas que inserem os Surdos diante do contexto educacional do país.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao pensarmos na inclusão de Surdos no ensino regular tonar-se necessário rever as metodologias, as estratégias, os recursos didáticos e o currículo, como também o próprio espaço escolar que é necessário para que ocorra efetivamente a inclusão, bem como os processos de ensino e aprendizagem, sobretudo na disciplina de Geografia.

Ao longo da pesquisa observamos que os Surdos interagem em alguns momentos com os seus colegas ouvintes em sala de aula e na hora do intervalo, mas na maioria das vezes acabam se restringindo apenas ao intérprete. As professoras também tentam criar laços com os Surdos, mas pelo fato de não dominarem a Libras acabam não compreendendo suas necessidades.

As professoras destacaram que não possuem capacitação para trabalhar com esse público, como também não há cursos disponibilizados pela Secretaria de Educação na área. Desta forma, a intérprete acaba desempenhando várias funções, dentre elas a de professora titular, encarregada de ensinar os Surdos.

Observamos que para o município de Mauriti, assim como para o Estado do Ceará, as políticas públicas que poderiam engendrar cursos de capacitação e aprimoramento dos professores em situação regular de ensino, os quais não tiveram a oportunidade de estudarem LIBRAS em seus cursos de graduação, se quiserem se qualificar terão que procurar institutos particulares que ofereçam o estudo de libras, é a precarização do ensino público que se materializa na sala de aula.

A importância desse trabalho foi que identificamos que a escola pesquisada, menos com a interprete demonstrou fragilidades para favorecer um ambiente inclusivo para os alunos Surdos, pois há uma barreira linguística na comunicação entre Surdos, professores e ouvinte prevalecendo nesta, a língua majoritária ouvintistas. Na escola não há Atendimento Educacional Especializado (AEE), sendo uma necessidade o acompanhamento nas áreas de Língua Portuguesa escrita e Libras para os alunos Surdos em contraturno.

Destacamos que as metodologias utilizadas, sobretudo na disciplina de Geografia precisam ser melhoradas. Desta forma, é necessário o desenvolvimento de estratégias de ensino que contemplem a todos. É importante utilizar no ensino dos conteúdos de Geografia uma linguagem baseada principalmente no visual e gestual. Logo, os recursos visuais se tornam uma boa estratégia para que os professores possam ensinar os conteúdos, valorizando as experiências visuais dos alunos Surdos e ouvintes.

Foi interessante perceber que as professoras demonstram a consciência de que o fato da LIBRAS ser utilizada exclusivamente pelo intérprete em sala de aula não se constitui em uma condição suficiente para promover a inclusão dos alunos Surdos no espaço escolar. Sendo que esta abrange muitos outros aspectos do ambiente escolar e do processo de ensino e aprendizagem.

O espaço educacional precisa de mudanças que venham contribuir para um ambiente inclusivo que favoreça o desenvolvimento pleno dos alunos Surdos, como por exemplo: a introdução da LIBRAS no currículo da escola, metodologias, estratégias, matérias adequados e avaliações que contemplem as especificidades dos educandos Surdos; formação para os professores que estão diretamente envolvidos com o processo de inclusão; disponibilizar atendimento educacional especializados nas áreas de Língua Portuguesa escrita e Libras para os alunos Surdos em contraturno.

Nesta perspectiva, é necessário repensarmos o espaço escolar e as metodologias desenvolvidas. Como destaca Andrade (2013, p. 71) devemos compreender que os educandos Surdos necessitam “[...] de um processo diferenciado de educação, pois sua

maior barreira é a diferença linguística presente no ambiente escolar. É necessário respeitar o modo de pensar, as maneiras dele se expressar e valorizar a identidade dos Surdos”.

Esperamos que esse trabalho suscite novas pesquisas, sobretudo no ensino de Geografia com ênfase no desenvolvimento de metodologias para educação de Surdos, e que a compreensão das especificidades dos educandos Surdos possibilite aos docentes a oportunidade de reflexão sobre a sua prática pedagógica.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Mário de Souza. *Elaboração de projeto, TCC, dissertação e tese: uma abordagem simples, prática e objetiva*. São Paulo: Atlas, 2011.
- ANDRADE, Sarah. *A educação geográfica de estudantes surdos em uma escola polo da Grande Florianópolis*. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis – SC, 2013.
- BEZERRA, Ana de Souza. *Métodos de ensino para a inclusão escolar de alunos com deficiência auditiva*. Medianeira – PR, 2014.
- BRASIL, Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. *Sobre a Língua Brasileira de Sinais- Libras*. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/110436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm). Acesso: março de 2018.
- BRASIL, O Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES. *Relatório de gestão exercício de 2000*. Rio de Janeiro, 2001.
- BRITO, Raiane Gonçalves Silva. *Ensino de Geografia e educação de surdos: desafios e possibilidades*. Campina Grande – PB, 2012.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. (Org.). *A Geografia na Sala de Aula*. São Paulo: Contexto, 2006.
- CASSETI, V. *A natureza e o espaço geográfico*. In: MENDONÇA, F.; KOZEL, S. (Orgs.) *Elementos de epistemologia da geografia contemporânea*. Curitiba: Ed. da UFPR, 2002.
- EUGÊNIO, J. R. ; SOUSA, A. S. ; GOMES, J. J. S.; OLIVEIRA, M. S. ; MELO, T. H. C. . *Ensino de Geografia Para Surdos: Desafios e Perspectivas*. In: Congresso Nacional de Educação, 2016, Natal. Anais... III CONEDU. v.1. Campina Grande: Realize, 2016, p. 1-10.
- FERNANDES, Jean Volnei. *Inclusão: ensino de Geografia para alunos surdos, com um olhar sobre a paisagem a partir de uma visão freireana*. *Geografia, Ensino & Pesquisa*, v. 20, n.3, p. 107-114, 2016.
- FONSECA, Ricardo Lopes; TORRES, Eloiza Cristiane. *Adaptações na Prática do Ensino de Geografia para Alunos Surdos*. *Geografia (Londrina)*, v.23, n.2, jul/dez, p. 05-25, 2014.
- FREITAS, Reinaldo de. *Ensino de Geografia e Educação Inclusiva: estratégias e concepções*. *Revista Urutágua - revista acadêmica multidisciplinar*, n.14. Maringá-PR, 2008.

GONÇALVES, Humberto Bueno; FESTA, Priscila Soares Vidal. Metodologia do professor no ensino de alunos surdos. *Ensaio Pedagógico Revista Eletrônica do Curso de Pedagogia das Faculdades OPET*. 2013.

GUERRA, Maria Daniely Freire; SOUSA, Silvânia Maia; CASSUNDÉ, José Ricardo de Oliveira. Rompendo o silêncio: mídias como instrumentos pedagógicos para inclusão de surdos no ensino regular. In: OLIVEIRA, C. et al (Org.). *Aprendendo na travessia: dilemas do ensino-aprendizagem na Escola Básica*. Teresina EDUFPI, 2013.

KAERCHER, Nestor André. Ler e escrever a Geografia para dizer a sua palavra e construir seu espaço. In: SCHAFFER, Neiva Otero. *Ensinar e aprender Geografia. Encontro Estadual de Geografia; Porto Alegre Associação dos Geógrafos Brasileiros*, 1998.

MOREIRA, H.; CALEFFE, L.G. *Metodologia da Pesquisa para professor pesquisador*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

PENA, Fernanda Santos; SAMPAIO, Adriany de Ávila Melo. *Educação inclusiva e ensino de geografia na busca da perspectiva do estudante surdo*. 2012.

RIBEIRO, Emerson. *A arte e a criatividade em Geografia. Práticas pedagógicas em Instalações Geográficas*. Crato: Universidade Regional do Cariri-URCA, 2016.

SANTANA, A. S. *Metodologias para o Ensino de Geografia na Educação de Jovens e Adultos EJA*. 2015.

VELTRONE, Aline Aparecida; MENDES, Enicéia Gonçalves. *Diretrizes e desafios na formação inicial e continuada de professores para a inclusão escolar. IX Congresso Estadual Paulista sobre Formação de Educadores. UNESP – 2007*.

*Recebido em 08 mai 2020.*

*Publicado em 01 jun 2020.*

---

<sup>i</sup> Mestrando em Educação pelo Programa de Mestrado Profissional em Educação – MPEDU, da Universidade Regional do Cariri – URCA/CE. Professor da rede estadual de ensino do Estado do Ceará, SEDUC.

<sup>ii</sup> Doutora em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Ceará – UECE. Professora do Departamento de Geociências da Universidade Regional do Cariri – URCA/CE.

<sup>iii</sup> Doutor em Geografia pela Universidade de São Paulo – USP, Professor adjunto da Universidade Regional do Cariri URCA/CE e do Mestrado Profissional em Educação.